

Currículo, espaço e subjetividade

VIÑAO FRAGO, Antônio; ESCOLAN Augustin. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 152 p. (tradução Alfredo Veiga-Neto)

Daniela Finco*

Este livro se constitui de pesquisas realizadas pela Universidade de Salamanca - Espanha¹ e apresenta-se como uma iniciativa necessária e instigante, introduzindo novos conceitos relativos ao espaço escolar.

Logo na introdução, o leitor é alertado para a importância da organização dos espaços em escolas, sendo convidado para um desafio: o envolvimento com o tema tão relevante. Um tema que, na opinião dos autores, estranhamente, parece ter preocupado pouco os historiadores, os psicólogos e pedagogos.

Inicialmente os autores apresentam metodologias e apontam novas leituras, consideradas essenciais para a profunda discussão que é feita, de forma dialética, sobre o papel da educação como processo de configuração de espaços. Um livro muito interessante, que traz muitas contribuições para um tema tão pouco pesquisado no Brasil.

O livro se inicia com o relato de uma viagem que Augustin Escolano faz, buscando em sua memória imagens e sentidos de sua infância, relembando a escola como a experiência decisiva na aprendizagem das primeiras estruturas espaciais e na formação de seu próprio esquema corporal.

A narrativa provoca no leitor diversas questões que poderiam ser objetos de outras investigações: os discursos e os saberes sobre o espaço; a função curricular que a arquitetura escolar desempenhou na aprendizagem e na formação das pri-

* Mestranda, participante do Subgrupo de Educação Infantil do Grupo de Estudos e Pesquisas em Diferenciação Sociocultural (GEPEDISC) da FE-Unicamp. dfinco@unicamp.br

1. Este livro foi editado inicialmente em 1995, na Espanha, e traduzido para o português por Alfredo Veiga-Neto, no Rio de Janeiro, em 2001. Dois artigos publicados compõem o livro: o primeiro, de Antônio Viñao Frago, (professor titular de Teoria e História da Educação da Faculdade de Murcia, na Espanha), contendo a idéia geral e metodologia, e o segundo capítulo, de Agustín Escolano (Professor de Filosofia da Ciência da Faculdade de Educação da Universidade de Valladolid, na Espanha), que combinam aspectos gerais e concretos em torno da arquitetura escolar como currículo.

meiras estruturas cognitivas e os usos didáticos do espaço-escola nos manuais de ensino da escola tradicional.

Augustin Escolano apresenta, no primeiro capítulo, intitulado “Arquitetura como programa: espaço, escola e currículo”, um estudo do espaço e de seus modos de representações e medida e afirma ser essa arquitetura um tema central em diversas disciplinas curriculares, como, por exemplo, matemática, ensino de línguas, geografia.

O autor salienta que a arquitetura escolar é também, por si mesma, um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para uma aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.

Dessa forma, o autor mostra como toda linguagem arquitetônica expressa, além de uma ordem construtiva, um sistema de intenções, valores e discursos, um jogo de simbolismos que os autores relacionam a uma tradição cultural. O edifício-escola serve de estrutura material para colocar o escudo pátrio, os símbolos de religião, imagens e pensamentos de homens ilustres, normas morais e higiênicas, o relógio....

O primeiro capítulo conclui-se com a análise de cartilhas, manuais de matemática, imagens e atividades, mostrando como o estudo do espaço-escola foi um importante núcleo didático no desenvolvimento de diversas matérias do currículo do ensino primário, além de uma forma de controle.

No segundo capítulo, Antonio Viñao Frago faz uma interessante crítica, quando apresenta a escola vista como lugar, ou seja, um espaço determinado para o ensino, um lugar estável e fixo. Apesar disso, não implica um local construído para tal fim.

Ao colocar a questão acima, mostra-nos, de acordo com sua pesquisa, que a maior parte das escolas dos séculos XVII a XIX na Espanha, funcionava em edifícios de arquitetura conventual e religiosa e não em edifícios expressamente construídos para serem escolas. A aceitação da necessidade de um espaço e de edifício próprio, especialmente escolhido e construído para ser uma escola, foi historicamente o resultado da confluência de diversas forças e tendências, mais específicas ao âmbito educativo, como a profissionalização do trabalho docente.

Por ser a dimensão espacial significativa, o espaço escolar possui uma dimensão educativa e o arquiteto, por sua vez, é um educador, cujo ensinamento se transmite através das formas que ele concebeu e que constituem o entorno da criança, desde a sua mais tenra idade. O espaço não é neutro. Sempre educa. Resulta daí o interesse pela análise conjunta de ambos os aspectos: o espaço e a educação.

Após convencer o leitor da importância desse estudo, Viñao Frago destaca aspectos relevantes à análise da dimensão espacial da escola, como, por exemplo, a

localização, a adequação e a ocupação do território, as zonas edificadas e não edificadas, até sua distribuição interna em diversos espaços e usos.

Além disso, o autor afirma que todo espaço é um lugar percebido e essa percepção é um processo cultural que resulta da representação não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica.

Iniciando a análise do espaço escolar, o que só é possível, segundo o autor, a partir da consideração histórica, é necessário atentar para a localização e fazer uma retrospectiva sobre a influência do urbanismo na educação, além das influências higienistas e moralistas, as quais acabavam sendo consideradas como critério para a localização das escolas.

Ao fazer uma análise sobre a escolha para a localização da escola, seus critérios e interesses, o autor faz uma interessante discussão sobre a dialética do aberto e do fechado na escola, citando GINER DE LOS RÍOS:

Se a escola precisa de uma grande extensão de terreno é porque não consta apenas da sala de aula, mas porque deve ter um campo anexo. Não apenas um jardim ou um horto, elemento interessantíssimo, seja para ensinar certas coisas, seja para educar a fantasia; nem mesmo um pátio, tanque de ar corrompido e imóvel... O campo escolar é, ao mesmo tempo, tudo isso, mas infinitamente mais do que tudo isso. Por mais que se reduzam as condições de uma escola, por modestas que sejam suas exigências, jamais deve renunciar a esse elemento, tão importante, pelo menos, como a própria sala de aula, e cuja necessidade é ao mesmo tempo, higiênica e pedagógica (1933, apud. VIÑAO FRAGO, 2001, p.79).

A temática do parágrafo acima deve ser compreendida, de acordo com o autor, como uma tentativa de unir dois pedagogos: Rousseau, defendendo que “a melhor escola é a sombra de uma árvore. A melhor escola estava ao ar livre, na natureza, não nas paredes de um edifício”, e Froebel e os jardins-da-infância, os quais implicavam a revalorização dos espaços não edificadas.

Mas a realidade da pesquisa mostra que, em geral, a arquitetura escolar combinou a clausura ou encerramento com a acentuada ostentação de um edifício sólido, cujas paredes constituíam a fronteira com o exterior ou que se achava separado desse exterior por uma zona mais ou menos ampla do campo escolar e um muro ou grade que assinalava os limites do espaço reservado.

O autor utiliza como fonte de dados para a análise dos espaços escolares: fotos, plantas baixas, desenhos, cartões postais, folhetos de propagandas e litografias dos séculos XVII e XIX, na Espanha. E tem um olhar bastante afinado em relação aos detalhes que esse espaço pode trazer, juntamente com seus significados, simbolismos e interesses.

O riquíssimo trabalho traz várias questões para o pesquisador que tem interesse em realizar investigações relacionadas ao espaço e à educação. O estudo feito pelo autor sobre as 43 imagens mostra como a análise histórica contribui para a

relação entre a disposição, no espaço, das pessoas e objetos que nele estão e o sistema - ou método de ensino, ou pedagogia – utilizado, os quais estão intrinsecamente relacionados.

O mérito deste livro reside no papel que os autores destinam à educação e aos educadores, na tentativa de envolvê-los com o tema. Pois, ao estruturar ou modificar o espaço escolar, estamos mudando não apenas os limites das pessoas e os objetos, mas também o próprio lugar. Conclui-se, com isso, o quanto é necessário fazer do professor um arquiteto, e da educação, um processo de configuração de espaços.

Parece-me que a preocupação de Escolano e de Frago em chamar a atenção de profissionais do campo da educação não foi em vão. Pesquisas recentes, no Brasil, principalmente na área da Educação Infantil, passam a preocupar-se com o espaço que também educa: percebe-se que este transmite a pedagogia utilizada, espelhando as idéias, os valores, as relações e a cultura das pessoas que nele vivem. Fica aqui o convite à leitura e ao envolvimento com o tema!

Referência Bibliográfica

GINER DE LOS RÍOS, Francisco. Campos escolares. In: *Obras completas, XII*. Madrid: Espasa Calpe, 1933, 2. ed, p. 193-236.